



TÍTULO:
A construção do vínculo mãe-bebê em prematuros internados dentro de uma UTI Neonatal
AUTORES:
Helena Rubini Nogueira; Jorge Luis Ferreira Abrão
INTRODUÇÃO:
<p>Como se dá o vínculo mãe-bebê em recém-nascidos prematuros internados em uma UTI Neonatal? Torna-se evidente a partir de explanações sobre o pensamento de autores como D. W. Winnicott e W. R. Bion que as primeiras relações travadas entre a mãe e o bebê na vida pós-natal são de grande importância para o desenvolvimento psíquico da criança, bem como para a apropriação da função materna por parte da mãe. O vínculo entre a dupla tende a transcorrer de forma natural quando não se observa nenhuma ocorrência que traga dificuldades para o estabelecimento da díade.</p> <p>Considerando então a importância deste vínculo, o desenvolvimento psíquico típico de um lactente nascido a termo e que existem diversas circunstâncias que podem prejudicar a relação inicial estabelecida pela mãe e seu recém-nascido, destacamos a ocorrência de nascimentos prematuros que demandam imediata internação do bebê em uma UTI Neonatal.</p>
OBJETIVOS:
Compreender a construção do vínculo mãe-bebê em bebês prematuros internados na UTI Neonatal de hospitais que adotem o alojamento conjunto.
MATERIAL E MÉTODOS:
<p>O estudo se deu na UTI Neonatal do Hospital Regional de Assis e teve como participantes 3 duplas mães-bebês internadas, que participavam do alojamento conjunto e que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Não foram incluídas mães com idade inferior a 18 anos que potencialmente trariam outras demandas que poderiam interferir no processo.</p> <p>A pesquisa empregou o método de observação de bebês desenvolvido por Esther Bick, adaptado para utilização na UTI Neonatal, o qual permite ao observador refletir sobre o desenvolvimento do bebê e sua relação com a mãe neste contexto diferenciado. Para tanto, a pesquisadora realizou 20 visitas ao Hospital Regional de Assis, entre 24/01/18 e 21/02/18, permanecendo ali por cerca de 4 horas e as observações tinham como duração o tempo de interação que ocorria entre mãe e filho (variando de 20 a 90 minutos).</p> <p>Com relação aos procedimentos, inicialmente, foi estabelecido contato com o hospital para identificar quais os bebês internados. O próximo passo foi informar às mães sobre a observação e esclarecer dúvidas para que o Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento fosse assinado. Posteriormente foram realizadas as observações de cada dupla. Assim, tanto os dados daquela hora observacional quanto os sentimentos decorrentes da observação foram transcritos, com linguagem comum e maiores detalhes possíveis. Por fim, foram realizadas supervisões quinzenais acerca do que foi observado (a dupla mãe-bebê) e do instrumento de observação (a observadora em si).</p>
RESULTADOS:
Os resultados foram analisados através da perspectiva psicanalítica e sintetizados a partir dos eixos temáticos relativos às experiências da observadora e das duplas junto da equipe; ao cuidado realizado dentro de um hospital que conta com o Sistema de Alojamento Conjunto; e ao tipo de vínculo decorrente da vivência das mães com seus bebês em situação de nascimento prematuro e internação hospitalar.
DISCUSSÃO:
Em meio a todo o levantamento bibliográfico, às observações realizadas e às supervisões, constatamos que a equipe tende a se mobilizar de acordo com a percepção que tem da eficiência da mãe, respeitando mais a dupla quando percebe que a adulta em questão tem mais condições de realizar os cuidados práticos com o bebê ou interferindo de forma mais diretiva quando entende que ela não está preparada para prover as necessidades do filho. Pensando o Sistema do Alojamento Conjunto, averiguou-se que as percepções que as mães têm deste sempre no entendimento de que aquela experiência é bastante penosa, seja pelos desconfortos inerentes a um processo de internação, seja pela permanência nesse lugar que representa as dificuldades na manutenção do contato com seu bebê. Justifica-se também a necessidade de pensar a respeito de formas mais acolhedoras de receber a mãe neste ambiente durante sua estadia. Conclui-se que o tipo de vínculo mãe-bebê que se estabelece decorre não apenas das especificidades do processo de internação e prematuridade, mas também de todas as vivências e bagagens que as mães acumulam em sua história sobre a maternidade, sejam estas prazerosas ou penosas.
REFERÊNCIAS:
<ol style="list-style-type: none">1. Bion, W. R. (1966b). <i>Aprendiendo de la experiencia</i>. Buenos Aires, Argentina: Paidós.2. Rosa, A. A. C. (2000). Reflexões sobre o ambiente facilitador no desenvolvimento psíquico do recém nascido. In N. A. Caron (Org). <i>A relação pais-bebê: da observação à clínica</i> (pp. 61-96). São Paulo: Casa do Psicólogo.3. Scarabel, C. A. (2011). <i>A experiência da puérpera com o parto prematuro e internação do seu recém-nascido numa unidade de terapia intensiva neonatal: estudo a partir da psicologia analítica</i>. Dissertação de Mestrado, Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.4. Winnicott, D. W. (1988). <i>O ambiente e os processos de maturação</i> (2a ed). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1962)5. Wirth, Â. F. (2000). <i>Aplicação do método de observação de bebês em uma UTI Neonatal</i>. In N. A. Caron (Org). <i>A relação pais-bebê: da observação à clínica</i> (pp. 207-231). São Paulo: Casa do Psicólogo.